

PESQUISA BIOGRÁFICA NO CAMPO DAS MIGRAÇÕES E DA INTERCULTURALIDADE

José González-Monteaudo¹
Mario León-Sánchez²

Resumo: Este artigo enfoca a pesquisa biográfica, salientando as contribuições desta abordagem metodológica para o estudo das migrações e da interculturalidade, através do uso de entrevistas biográficas e outras técnicas, com o objetivo de tornar visível, compreensível e contextualizar social e culturalmente as histórias de vida de crianças e jovens de origem imigrante. As referências teóricas são as identidades narrativas, a interculturalidade crítica e os estudos de migração. Propomos uma abordagem complexa e plural da pesquisa biográfica sobre imigrantes, com foco específico nas crianças e jovens, prestando atenção às dimensões epistemológicas e metodológicas, para desenvolver pesquisas com qualidade, rigor, senso ético e relevância social.

Palavras-chave: Pesquisa biográfica; entrevista biográfica; migrações; menores e jovens imigrantes; interculturalidade crítica; metodologias inclusivas

BIOGRAPHICAL RESEARCH IN THE FIELD OF MIGRATION AND INTERCULTURALITY

Abstract: This article focuses on biographical research, highlighting the contributions of this methodological approach to the study of migration and interculturality, through the use of the biographical interview and other techniques, with the aim of making visible, understanding and socially and culturally contextualising the life histories of minors and young people of immigrant origin. The theoretical references are based on narrative identities, critical interculturality and migration studies. It is proposed a complex and plural approach to biographical research on immigrants, with a specific focus on minors and young people, paying attention to the epistemological and methodological dimensions, in order to develop research with quality, rigour, ethical sense and social relevance.

Keywords: Biographical research; biographical interview; migrations; immigrant minors; critical interculturality; inclusive methodologies.

LA INVESTIGACIÓN BIOGRÁFICA EN EL ÁMBITO DE LAS MIGRACIONES Y DE LA INTERCULTURALIDAD

Resumen: Este artículo se centra en la investigación biográfica, resaltando las contribuciones de este enfoque metodológico para el estudio de las migraciones y de la interculturalidad, mediante el uso de la entrevista biográfica y de otras técnicas, con el objetivo de visibilizar, comprender y contextualizar

¹ Doctor en Pedagogía y Graduado en Pedagogía (Univ. de Sevilla). Facultad de Educación, Universidad de Sevilla, España. Grupo de pesquisa Educação de Adultos y Desarrollo. E-mail de contacto: monteaugu@icloud.com

² Doutorando em Educação na Universidade de Sevilla. Bolsista do Ministério das Universidades no Departamento de Teoria e História da Educação e Pedagogia Social da Universidade de Sevilla, Espanha. E-mail de contato: mleons@us.s

social y culturalmente las historias de vida de los menores y jóvenes de origen inmigrante. Los referenciales teóricos son las identidades narrativas, la interculturalidad crítica y los estudios migratorios. Se propone un abordaje complejo y plural de la investigación biográfica sobre las personas inmigrantes, con foco específico en los menores y jóvenes, prestando atención a las dimensiones epistemológicas y metodológicas, para desarrollar investigaciones con calidad, rigor, sentido ético y relevancia social.

Palavras-clave: Investigación biográfica; entrevista biográfica; migraciones; menores y jóvenes inmigrantes; interculturalidad crítica; metodologías inclusivas.

Introdução

Pessoas em trânsito, viajantes, migrantes e internacionalização estão construindo novas realidades globais, no processo de desenvolvimento de sociedades transnacionais e interligadas, esta conexão bilateral entre o global e o local agrava a crise pós-moderna do Estado-nação. De acordo com dados das Nações Unidas em 2019 havia 272 milhões de migrantes em todo o mundo, definidos como pessoas que viveram pelo menos um ano fora do país em que nasceram, isto é um aumento vertiginoso se considerarmos que em 2017 foram estimados em 258 milhões. Isto significa que dos 7,7 bilhões, aproximadamente 3% da população mundial é de origem imigrante. As migrações globais têm sido um continuum desde o início do século passado, afetando todo o globo, especialmente no período que compreende o século 20 em diante. Isto afetou tanto os países que enviam imigrantes quanto aqueles que os recebem, transformando as condições sociais e culturais de seus cidadãos.

Três perspectivas teórico-práticas relacionadas à diversidade cultural têm sido recorrentemente diferenciadas: assimilacionismo multiculturalismo e interculturalismo (BESALÚ, 2002, p. 64-66). O assimilacionismo entende a diversidade como um obstáculo, um problema a ser resolvido pela eliminação das diferenças. O multiculturalismo é construído com base na prioridade atribuída ao grupo de pertencimento, a espacialização das diferenças e o reconhecimento do relativismo cultural e a expressão das diferenças no espaço público (ABDALLAH-PRETCEILLE, 1999, p. 26-28). Levado ao extremo, o multiculturalismo aumenta a fragmentação social e educacional através da ênfase excessiva na diferença.

O modelo intercultural, pelo contrário, é baseado no respeito, igualdade e tolerância: propõe os seguintes objetivos: "o reconhecimento do pluralismo cultural e o respeito à identidade de cada cultura; e a construção de uma sociedade plural, mas coesa e democrática" (BESALÚ, 2002, p. 65). O interculturalismo valoriza as diferenças culturais e, com base nisso,

promove o diálogo e o entendimento entre diferentes grupos. Assume-se nesta visão transversal os valores da democracia e da autonomia individual na busca de um novo espaço entre liberdade pessoal e lealdade grupal, promovendo uma estrutura de gestão política e cultural que favoreça os processos de mediação cultural em áreas como interpretação linguística, interpretação e tradução cultural e assessoria a profissionais e usuários (DEMETRIO; FAVARO, 2004; GIMENO, 2001; HUA, 2010).

Essas três perspectivas têm concepções diferentes de identidade, o grupo de pertencimento e os grupos de identidade. Neste sentido, defendemos um conceito de identidade que está relacionado à perspectiva intercultural (ABDALLAH-PRETCEILLE, 1999; GIMENO, 2001). A linguagem é um elemento relevante na identidade cultural; ela está relacionada à forma de entender e lidar com o mundo. A linguagem envolve o grupo social e torna possível identificar e reconhecer os colegas.

O trabalho sobre as migrações e as identidades sociais aumenta a experiência e o agenciamento de indivíduos e pequenos grupos (em particular, setores marginalizados, minorias étnicas e setores em risco de exclusão social), enquanto se presta atenção às relações entre o local e o global. As abordagens auto/biográficas e narrativas estão se mostrando úteis para o estudo e intervenção em contextos de intensa mudança social e forte diversidade cultural. Narrativas sobre aprendizagem e identidade, trabalhadas a partir da perspectiva da aprendizagem ao longo da vida e análise do discurso, questionam como mudanças estruturais e contradições são subjetivamente reconhecidas pelos indivíduos e como elas influenciam na vida diária, no trabalho e na formação (ALHEIT & DAUSIEN, 2007).

Migrações e interculturalidade como objetos de pesquisa

O fenômeno da migração não é novo, mas a globalização levou a um aumento significativo do número de pessoas que decidem viver em outro país. Isto representa um desafio para a democracia e para os países anfitriões, em termos de formação, integração sócio-cultural e integração trabalhista. A migração também tem um impacto sobre os países de origem, pois o esvaziamento demográfico ou a fratura social são problemas profundos e complexos. Além do crescente aumento da mobilidade global, relacionado a uma mudança no sentido de pertencer ao território, uma grande variedade de projetos e itinerários migratórios também está ocorrendo.

Atualmente, as pessoas não migram mais apenas para o trabalho, embora seja verdade que o apoio econômico às famílias no país de origem é uma dimensão importante.

Como as culturas de hoje estão se tornando cada vez mais amplas, heterogêneas e variadas, as identidades também estão se tornando mais complexas e híbridas. A hibridização das identidades está relacionada com os cruzamentos culturais, diálogos, conflitos e discordâncias que ocorrem na transculturalidade. A experiência migratória de estudantes, trabalhadores e viajantes envolve um maior grau de autoconhecimento e autoconscientização da própria identidade pessoal. A migração faz o sujeito refletir, questionar e negociar. O abandono dos quadros habituais de referência e o desaparecimento de elementos culturais internalizados durante anos impõe uma acuidade extraordinária que permite apreciar os diferentes estilos de vida, valores e hábitos entre a sociedade anfitriã e a sociedade de origem. Este processo é extenso e é possível distinguir as seguintes fases: compreensão da nova realidade, consciência da validade da cultura de origem e negociações internas na busca do equilíbrio (negociação entre duas culturas, retirada da identidade e autodefesa da cultura de origem, adaptação-assimilação estratégica da cultura anfitriã, experiências conflitantes na gestão da diversidade cultural e a dificuldade de incorporar duas culturas simultaneamente) (OCHOA, 2001).

Os migrantes são expostos à ruptura biográfica inerente ao processo de emigração-imigração. O desenvolvimento do itinerário da vida é alterado pela mudança de contexto e pelo processo de mudança e reorientação social e cultural que isto implica é reorganizado. Este processo gera transições que só podem ser coletadas a partir de uma análise biográfica exaustiva que dá sentido às transições de uma vida marcada por incertezas e rupturas (DELORY-MOMBERGER, 2009, p. 27).

Sob nosso ponto de vista, a interculturalidade é um paradigma apropriado para trabalhar as questões migratórias e as mobilidades do mundo em que vivemos hoje. O interculturalismo é baseado no respeito e na tolerância, baseado nos valores de uma sociedade coesa e democrática. Da abordagem intercultural deriva um conceito particular de identidade (BENMAYOR; SKOTNES, 1994, ABDALLAH-PRETCEILLE, 1999; DEMORGON; LIPIANSKY, 1999; GIMENO, 2001; DE LA PORTILLA; SERRA; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2007). O interculturalismo concebe as culturas como processos

heterogêneos, polifônicos e plurais.

O choque cultural descreve o impacto da mudança de uma cultura familiar para uma cultura desconhecida. Afeta tanto estudantes, trabalhadores e viajantes que transitam para além de seu país de origem. O choque cultural engloba clima, alimentação, linguagem, rituais sociais, vestuário, papéis sociais e de gênero, percepções de autoridade, normas de comportamento e sistemas de valores. A análise cuidadosa dos choques culturais proporciona uma maneira eficaz de trabalhar para o desenvolvimento de uma melhor compreensão, respeito e negociação mútua (DEMORGON; LIPIANSKY, 1999, p. 301-315). O choque cultural tem muitos aspectos positivos. Pode representar uma experiência de aprendizagem significativa que favorece ao sujeito, tornando-se mais consciente tanto de sua cultura de origem quanto da cultura anfitriã.

Partimos da ideia de que cada pessoa com quem dialogamos traz seu conhecimento e o conhecimento que emerge das histórias que vivenciam no encontro. Os interlocutores são os portadores do conhecimento que estamos tentando compreender e é na companhia deles que aprendemos, compartilhamos e nos educamos. De acordo com as ideias de Freire (1975), quanto mais tempo compartilhamos, mais nos educamos e, conseqüentemente, mais investigamos. A distância entre o simples "estudo" e a atividade mais comprometida e radical de "aprender com" deve ser enfatizada (FREIRE, 1975).

No contexto atual das ciências sociais, a dimensão ética e o questionamento da relação entre pesquisadores e participantes são fundamentais. Estas mudanças recentes têm implicações para repensar os estudos sobre migração e diversidade cultural. Os métodos biográficos refletem estas mutações epistemológicas e sociais.

O método biográfico nos permite compreender a memória da migração em sua complexidade. A reconstrução de trajetórias sociais (BERTAUX, 1997) é uma estratégia amplamente difundida e utilizada nos estudos de migração, baseada nas contribuições de múltiplas teorias e disciplinas, que contribuem para analisar as características das dimensões e fases vitais do sujeito. Neste sentido, são alimentados por um corpus teórico muito amplo, que inclui a sociologia do trabalho e da família, análise econômica, estudos demográficos e outras contribuições.

O conceito e a análise de trajetórias enriqueceram o debate metodológico dentro dos estudos de migração, atingindo um alto grau de complexidade, em parte devido à sensibilidade

trazida pelas técnicas mais inovadoras e socialmente sensíveis introduzidas pelos pesquisadores nos últimos anos. Este novo olhar construído graças a várias disciplinas representa um importante desafio para a concepção individualista e previsível (ALHEIT; DAUSIEN, 2007).

Diante da existência de indivíduos – um foco inesgotável em métodos narrativos biográficos – começam a se relacionar reajustes, rupturas e adaptações, quase sempre ligados a adaptações na esfera familiar. Em paralelo, as negociações trabalhistas são incorporadas à tendência neoliberal de um sistema precário baseado na instabilidade e flexibilidade das condições de trabalho. Este contexto dificulta a perspectiva do indivíduo em relação ao ordenamento e planejamento da vida pessoal e social. No caso da imigração, esses condicionantes são especialmente relevantes, devido a fatores como discriminação, formação deficiente, falta de redes e dificuldades linguísticas.

Os estudos migratórios estão se tornando mais sensíveis à natureza das circunstâncias e abandonam a perspectiva de uma trajetória rígida e linear, que se baseia na transição entre emigração e imigração, ou o trânsito da sociedade de origem para a integração na sociedade anfitriã. Neste contexto, começamos a falar de assimilação segmentada, retorno voluntário, revezamento migratório, circularidade sazonal, termos que agora se tornaram elementos importantes na construção de narrativas e histórias de vida.

Entretanto, a abordagem narrativa se refere à história de vida em um sentido amplo do termo (BIAGIOLI, 2015; JOSSO, 1991; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2008). Na abordagem narrativa, a realidade é entendida como algo fluidamente construído e dependente das situações específicas nas quais a narrativa é produzida. A relação entre o entrevistado e o pesquisador adquire grande importância. A identidade pessoal é construída com base em narrativas, razão pela qual as histórias de vida têm grande potencial para melhorar e desenvolver a formação e o desenvolvimento pessoal em contextos de diversidade cultural e mudanças intensas de identidade (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2008; MOLINIÉ, 2003; VIEIRA; TRINDADE, 2009).

A pesquisa biográfica oferece a possibilidade de contribuir para o estudo das identidades fluidas, mutáveis e heterogêneas, características da modernidade tardia. Para esta finalidade, devemos considerar as biografias como um elemento construído social e historicamente. As transformações de identidade nas biografias dependem, em grande parte, de recursos

biográficos (entendidos como experiências ou conhecimentos adquiridos ao longo da vida). Isto nos permite gerar uma exploração dos discursos, estruturas de significado e padrões de crenças culturalmente estabelecidos pelo sujeito do qual ele ou ela extrai a ordem para a construção da identidade narrativa (OCHOA, 2011; RODRÍGUEZ MARCOS, 2006; TSIOLIS, 2009; DE LA PORTILLA; SERRA; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2007).

O trabalho sobre migração e identidades sociais dá voz, realça a experiência e a capacidade de agência e capacitação de indivíduos e grupos, em particular setores marginalizados, minorias étnicas e grupos em risco de exclusão social. As abordagens auto/biográfica e narrativa estão se mostrando úteis para o estudo e intervenção em contextos de intensa mudança social e forte diversidade cultural, prestando atenção às dimensões globais e locais e suas relações mútuas. Narrativas sobre aprendizagem e identidade, trabalhadas a partir da perspectiva da aprendizagem ao longo da vida e análise do discurso, questionam como mudanças estruturais e contradições são subjetivamente reconhecidas pelos indivíduos e como elas são incorporadas e influenciam a vida cotidiana, o trabalho e a formação (ALHEIT; DAUSIEN, 2007).

Objetivos e métodos de pesquisa biográfica em contextos migratórios e interculturais

Ao contrário da limitação ou simplicidade dos relatórios quantitativos e dos dados dos questionários, os dados narrativos têm uma densidade distinta e profundidade reflexiva. Portanto, esses dados devem ser "lidos" no contexto complexo e mutável das sociedades e culturas, permitindo uma compreensão mais profunda do que outras metodologias. As informações obtidas ajudam a construir um panorama amplo e global das grandes dimensões do sujeito: pessoal, familiar, social, cultural, educacional, cívico e laboral, o que nos permite compreender e explicar melhor o fenômeno migratório em geral e, mais especificamente, o itinerário dos imigrantes.

A investigação narrativa promove uma compreensão profunda das diferentes dimensões do que constitui a cultura, incluindo: linguagem; formas de administrar o tempo e o espaço; relações interpessoais, familiares e comunitárias; o papel do corpo, sexualidade e relações de gênero; métodos de socialização e educação; concepções de trabalho; o papel do poder e da autoridade; adaptação, transições e mudanças ao longo do ciclo de vida.

Os objetivos que podem ser perseguidos na pesquisa narrativa com imigrantes são muito variados. Entre os mais comuns estão os seguintes:

- Pesquisar a situação pessoal, familiar, educacional e social dos migrantes em seus países de origem.
- Documentar as motivações do projeto migratório e o choque cultural derivado da aculturação na sociedade anfitriã.
- Estudar as características pessoais dos migrantes no âmbito da sociedade anfitriã, como ponto de partida para fortalecer seu desenvolvimento pessoal e sua adequada integração social, cultural e trabalhista.
- Estudar a identidade cultural dos migrantes, entre a sociedade de origem e a sociedade de acolhimento, num contexto social multicultural, mutável, globalizado e tecnológico.
- Analisar como os migrantes percebem o trabalho dos educadores, profissionais e voluntários que trabalham com eles.
- Compreender os principais desafios, dilemas, conflitos e dificuldades enfrentados pelas crianças na esfera educacional e cotidiana, incluindo a transição para o mercado de trabalho.

A estrutura usual da entrevista biográfica (ou biográfico-narrativa) consiste em uma proposta inicial ou pergunta aberta, por parte do entrevistador, para que o sujeito conte sua história de vida em referência a uma estrutura geral ou em relação a uma dimensão específica. Este formato de entrevista permite ao entrevistado grande liberdade para estruturar seu discurso (sobre a entrevista biográfica, ver: WENGRAF, 2001; BICHI, 2007; THOMPSON, 2000; ATKINSON, 2002; ALHEIT; DAUSIEN, 2007). A entrevista é particularmente útil em relação a conteúdos e processos históricos, sociais e culturais como a vida cotidiana, processos migratórios, mentalidades, valores, processos de mudança sociocultural e participação política.

Durante a fase de planejamento, é realizado um trabalho de documentação para reunir informações sobre o tema do projeto, os protagonistas, as pessoas relevantes, a história e o contexto institucional. O protocolo da entrevista ou roteiro da entrevista também é desenvolvido durante esta fase. Os roteiros das entrevistas sobre a história de vida dos migrantes frequentemente exploram, entre outras coisas, os seguintes tópicos:

- O perfil dos migrantes (idade, escolaridade, experiência de trabalho, data de chegada ao país anfitrião).
- Família, grupo de pares e situação pessoal no país de origem (posição dentro da família, características sociais e econômicas da família, ocupações parentais, área de origem, lazer, amizades e redes sociais).
- O projeto migratório (expectativas das crianças sobre a migração, fatores que motivam a migração, experiências adquiridas, desenvolvimento da jornada migratória, primeiras experiências na chegada ao país anfitrião).
- Transições entre países, lares e situação atual (preocupações, motivações, frustrações, relações com pares e referências adultas, formação e trabalho).
- Dinâmica social, relações com a comunidade anfitriã e conhecimento dos serviços e recursos de apoio (organização do tempo e do espaço, rotinas diárias, relações interpessoais, conflitos vividos, estratégias de integração social e trabalhista, apoio recebido, dificuldades de adaptação ao novo ambiente social e cultural).
- Avaliação global e expectativas futuras (projeto de vida, perspectivas de emprego, avaliação retrospectiva do processo de migração).

Sempre que possível, a entrevista deve ser realizada na língua materna do migrante - apesar das dificuldades técnicas envolvidas, isto agrega imenso valor à qualidade discursiva da entrevista. O ideal seria que o entrevistador fosse um interlocutor competente na língua do migrante e que tivesse experiência e formação intercultural prévio. O entrevistador deve transcrever a entrevista para a linguagem de trabalho da equipe de pesquisa, a fim de garantir a qualidade do resultado.

A entrevista biográfica é um encontro interpessoal e envolve a complexidade inerente da comunicação humana (WENGRAF, 2001; ATKINSON, 2002). O entrevistador deve ter a competência profissional e as qualidades interpessoais necessárias para orientar e gerenciar o processo de entrevista, monitorando sua evolução. O entrevistador deve ser capaz de se apresentar como um ouvinte não ameaçador, simpático e empático. O entrevistador deve ser capaz de captar, através de uma atenção profunda e constante, os processos e conteúdos que aparecem durante a entrevista, intervindo da maneira mais conveniente de acordo com os

objetivos e conteúdos da pesquisa. A fase inicial da entrevista é fundamental para facilitar o processo de confiança e abertura que permite que o sujeito se expresse livremente e em profundidade. Este relacionamento inicial dependerá, entre outros fatores, das características respectivas do entrevistador e do informante, em termos de sexo, idade, nível educacional, inscrição no idioma, classe social, valores, estética física e vestimenta. Todos estes elementos são relevantes no caso de entrevistas com crianças imigrantes, devido à chamada hierarquia de credibilidade que irá ocorrer, devido às assimetrias de poder e à diferença de perfil entre a criança e o entrevistador. O entrevistador deve ter a capacidade de reduzir estas diferenças a fim de gerar um clima de confiança que favoreça um diálogo discursivo. A diferença de gênero entre entrevistador e sujeito pode influenciar o desenvolvimento e o conteúdo das informações fornecidas na entrevista e é um elemento a ser considerado de antemão. Muitos projetos de pesquisa longitudinal permitem que o mesmo tema seja documentado ao longo do tempo. Este processo de entrevistas sucessivas promove a variedade, profundidade e qualidade das histórias dos participantes.

Uma entrevista é, entre outras coisas, uma interação linguística entre duas ou mais pessoas. Deste ponto de vista, os discursos são expressos na entrevista e são estudados como tal por analistas e pesquisadores interessados nos processos de comunicação humana. A linguagem oral é diferente da linguagem escrita. A fala oral tem uma grande riqueza de elementos de entonação e paralinguística, falta de planejamento e a possibilidade de retificação e interrupção que não está presente na linguagem escrita. É um discurso primário, natural, informal, contextual, repetitivo, fugaz, narrativo, dialógico e baseado na ação (CORTÉS; CAMACHO, 2003, p. 68-71).

Só recentemente começamos a falar, nas ciências sociais, sobre a necessidade de reciprocidade na situação da entrevista. As ideias de devolução e restituição encontraram seu caminho neste novo olhar que começou a tomar forma no início do século XXI, deixando para trás o modelo dominante da pesquisa social tradicional, que concebia os entrevistados como recursos extrativistas, como meras fontes de dados. Os pesquisadores têm um compromisso ético e humano com as pessoas que nos oferecem seu tempo e suas histórias, particularmente com aqueles que têm maiores dificuldades econômicas, de trabalho, de vida ou emocionais, como é claramente o caso dos imigrantes.

Uma vez terminada a entrevista, um memorando deve ser escrito sobre o assunto. E depois de tudo isso chega o momento da transcrição: uma etapa tediosa e demorada. A transcrição deve ser feita em sua totalidade e fielmente ao original oral, respeitando a natureza sequencial das intervenções, embora a transição para a forma escrita já pressuponha uma primeira forma de interpretação e filtragem, que se torna evidente como resultado das decisões que o transcritor deve tomar para dar forma escrita ao discurso oral do sujeito - o que sempre produz alguma modificação do relato, embora de natureza menor. Uma dessas decisões refere-se à seleção adequada dos sinais de pontuação, que modulam e tornam compreensível o registro oral, marcado por interrupções, dúvidas e pela presença de numerosos elementos contextuais.

A edição da entrevista refere-se ao processo de revisão das transcrições e ao controle de qualidade necessário que as transcrições devem sofrer para garantir que o produto final atenda aos critérios indicados acima. A partir da transcrição completa, que podemos chamar de versão zero da transcrição, é possível editar uma nova versão reduzida. A primeira versão permanece fiel à versão original e mantém absoluta literalidade, mas elimina todas as intervenções e perguntas do entrevistador, trocas linguísticas irrelevantes e passagens repetitivas do entrevistado ou que envolvam transições ou interrupções na fala. Mais tarde, a partir da primeira versão, pode-se escrever um histórico do caso, que não será mais uma simples redução da primeira versão, mas uma apresentação articulada e sistemática do caso, considerando-o como um todo, embora sempre com apoio direto - embora não literalmente - na primeira versão. A partir da primeira versão podemos também estabelecer uma cronologia do caso, que nos ajudará a situar o assunto em seu contexto familiar, geracional, histórico, cultural e social.

Uma maneira de melhorar a qualidade de nossas entrevistas, e ao mesmo tempo os dados, é triangular as informações, buscando e utilizando fontes complementares de informação produzidas pelo sujeito. É comum que a pessoa que conta sua história de vida na entrevista tenha diferentes materiais biográficos, produzidos em diferentes momentos de sua vida. Estes materiais são um complemento importante para as entrevistas biográficas.

A análise das entrevistas pode ser feita de acordo com diferentes abordagens. Uma primeira abordagem consiste em uma história profunda da vida individual, capaz de transmitir ou a história de uma classe social, de uma comunidade ou de um grupo geracional com um perfil específico, como os menores imigrantes. Uma segunda abordagem refere-se a uma

coleção de narrativas produzidas em cruz, seguindo o exemplo canônico do antropólogo Oscar Lewis's *The Children of Sanchez*. As análises biográficas das entrevistas estão particularmente atentas à exploração da dialética entre dimensões pessoais e estruturas sociais. Como mencionamos anteriormente, o corpus teórico é amplo. Neste contexto, encontramos em vários autores um interesse comum em explicar e compreender as dinâmicas que ligam a subjetividade com a sociedade e a cultura. As distinções entre estrutura e agência (Giddens), sistema e ator (Touraine), campo e habitus (Bourdieu), formuladas por diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, vão na mesma direção explicativa.

Discussão e conclusões

Nos novos contextos globalizados e dinâmicos, as histórias de vida ou a produção de narrativas - como uma pesquisa multifatorial, reunindo formação, intervenção social e construção de identidades - visam aprofundar uma forma de trabalho profunda e complexa, favorecendo o desenvolvimento da autonomia pessoal, a convivência baseada na tolerância e a participação social ativa. Abordagens narrativas e biográficas, seja em pesquisa, formação ou intervenção social, buscam uma perspectiva projetiva que conecte passado, presente e futuro. Desde as ciências sociais, o uso desta metodologia dá voz ao outro, aproximando-se do conhecimento de um indivíduo, que é em muitos aspectos o conhecimento da sociedade.

A fim de estudar a construção da identidade cultural, a trajetória migratória, a adaptação na sociedade de acolhimento e a integração laboral dos jovens migrantes, deve-se defender uma interculturalidade crítica que, baseada no antirracismo, busca os princípios de justiça e igualdade para todos. Atualmente, em um contexto global de virulência política, polarização e ressurgimento de correntes ultranacionalistas, estas idéias podem até parecer radicais, mas não devemos esquecer que elas vêm dos direitos humanos e estão incluídas em quase todas as constituições dos países democráticos. Em um momento de crise profunda, é especialmente necessário ter mecanismos que impeçam que discursos e ideologias neoconservadoras e neofascistas se apropriem do descontentamento, gerando um discurso de ódio e exclusão.

A abordagem narrativa que descrevemos ao longo do texto convida a uma análise profunda e empática dos problemas culturais que ocorrem em nível intergeracional nos contextos de diversidade, onde ocorrem os fenômenos de hibridização cultural entre os valores

culturais de origem e de recepção. Em suma, linguagem, gestão do espaço e do tempo, projeção das relações interpessoais e familiares, sexualidades, métodos educacionais, ocupação do trabalho são dimensões importantes da cultura que devem ser levadas em conta para desenvolver uma integração social, cívica e laboral sensível às experiências culturais dos migrantes.

A pesquisa biográfica e narrativa com migrantes nos permite tecer uma rede de conhecimento compartilhado, para compreender o processo da experiência migratória de uma forma que, em princípio, não é possível utilizando outras metodologias. O método biográfico nos permite dar voz ao outro - que normalmente não teria - coletando em primeira mão a experiência migratória em um processo dialógico, analisando um processo dinâmico de construção de identidade e autoconhecimento do processo de aculturação e integração ao qual estão expostos.

Para que os migrantes possam encontrar "seu lugar", são necessárias estratégias para explorar as ambivalências da experiência migratória (emigração-imigração). O processo de aculturação é para a pessoa uma negociação interna, que produz reajustes tanto consigo mesma, como no ambiente. Desta forma, é possível alcançar uma hibridização entre a cultura de origem e a cultura anfitriã. As histórias de vida descrevem os processos vitais que são coletados pelas narrativas biográficas de tal forma que nos permitem reconstruir e recriar os trânsitos experimentados através da *biografia*. Estes longos processos assumem negociações internas onde o sujeito interpela o sentimento de lealdade à ideologia ou à comunidade cultural de origem e a necessidade de adaptação ao novo quadro de referência, este é um dos muitos processos vividos por pessoas de origem imigrante.

As pessoas que participam da pesquisa biográfica nos mostram como vivem o processo de aculturação a partir de sua perspectiva social e pessoal, com o conseqüente processo de negociação com elas mesmas e com o meio ambiente. As histórias de vida que são coletadas envolvem os processos vitais vividos e nos permitem realizar uma reconstrução das identidades, a partir das narrativas biográficas.

Outra contribuição notável da pesquisa biográfica é a capacidade de coletar a temporalidade e a experiência de tempo que as pessoas de origem imigrante têm. A experiência pessoal é organizada no contexto do tempo histórico e social que ela habita. Esta idéia é

contribuída por diversos autores (BERTAUX, 1997; FERRAROTTI, 1983), o conhecimento biográfico do tempo pessoal e do tempo biográfico (a temporalidade como experiência subjetiva da pessoa) estão interconectados com o tempo histórico-social. Este último aspecto envolve grandes grupos de pessoas e está relacionado a mudanças decisivas em suas vidas, como guerras, movimentos migratórios massivos, catástrofes naturais e outras.

A perspectiva biográfica é centrada na pessoa, humaniza a pesquisa e lhe dá um significado baseado na experiência. Desta forma, assume uma legitimidade diferente da generalização ou racionalidade implícita por outras abordagens (BRUNER, 1991). A legitimidade vem da experiência humana, de viver o fenômeno migratório em um espaço e um tempo específicos. Este é sem dúvida um dos grandes desafios da pesquisa biográfico-narrativa, pois existe uma enorme variabilidade (GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, 2008; FERRAROTTI, 1983; PINEAU; MARIE-MICHÈLE, 1983; LAINÉ, 1996). Esta contribuição contribui para a compreensão dos movimentos migratórios além das teorias clássicas, favorecendo um entendimento interétnico com base no fato de que a pesquisa torna visíveis as experiências humanas que geralmente estão ocultas em dados quantitativos ou no olhar das teorias políticas ou sociológicas.

Outro elemento sem dúvida positivo do método biográfico em contextos de migração é a aplicação do paradigma intercultural. A metodologia biográfica baseia-se em grande parte no uso da entrevista biográfica, estabelecendo uma conversa entre duas pessoas (pesquisador e narrador) marcada pela horizontalidade, produzindo um intercâmbio entre iguais que é essencial para o desenvolvimento adequado desta metodologia. O pesquisador (isto é aplicável a outras figuras que utilizam a técnica) possui quadros culturais de referência e um universo simbólico diferente do entrevistado. Isto significa que as formas pelas quais eles interiorizam e dão sentido à realidade podem não só ser diferentes, mas podem até ser opostas. O intercâmbio dialético destas duas pessoas tem a possibilidade de transformar um espaço metodológico em uma esfera existencial e intercultural, já que a metodologia requer um posicionamento hermenêutico que procura entender o outro. Os métodos biográficos são, em si mesmos, textos que nascem da experiência intercultural, da oportunidade e do espaço de mediação entre duas vidas que se entrecruzam de frente.

As narrativas biográficas fornecidas pelos imigrantes e pelos mediadores confrontam os

sujeitos com sua estrutura cultural e os forçam a repensar possíveis atitudes etnocêntricas. O questionamento interno implica uma descentralização que contribui para o conhecimento. A conversa biográfica realiza um exercício que enriquece não apenas o pesquisador, mas também os leitores das narrativas, proporcionando a oportunidade de acessar o universo do significado do outro. Este movimento hermenêutico intercultural é possível graças ao método biográfico, tanto no processo metodológico como no produto que constitui o texto resultante (BRUNER, 1991; PINEAU; LE GRAND, 1996).

O reconhecimento é um aspecto fundamental do método biográfico. A dimensão ética e política presente no método biográfico, ao "dar voz", torna visível e fortalece grupos de indivíduos que foram historicamente excluídos na construção de narrativas oficiais. Neste sentido, a oralidade e o método biográfico nos permitem escutar a história das minorias, dos grupos invisíveis, excluídos e silenciados.

Os menores imigrantes vivem em um equilíbrio entre duas culturas, a cultura de origem e a cultura de acolhimento. O projeto migratório pode ser analisado a partir da interação entre estas duas culturas, contemplando as tensões, contradições, esperanças, expectativas, riscos e medos que a migração implica. No caso de menores, uma complexidade adicional é acrescentada. O fato de estarem em uma fase de transição entre a infância e a vida adulta aumenta a complexidade do processo migratório. Os jovens que estão em uma fase de construção ativa de sua identidade pessoal vivem per se um momento vital de confusão e ambivalência. A encruzilhada cultural acrescenta complexidade a um processo que é difícil em si mesmo. A disputa entre continuidade ou lealdade à cultura de origem, assim como a adaptação ou integração da cultura anfitriã envolve um processo contínuo de negociação que é sem dúvida conflituoso.

A abordagem da pesquisa narrativa, caracterizada pela ênfase na interpretação e compreensão, deve dar atenção especial ao conflito, incluindo a análise de dicotomias potenciais presentes nos cenários sociais atuais: vida pessoal e pública, identidade pessoal e sociocultural, sociedade doméstica e de acolhimento, infância e vida adulta, passado e futuro, objetivos pessoais e metas relacionadas à família e ao grupo cultural de origem, interesses pessoais e os fatores condicionantes derivados da necessidade de serem adultos economicamente independentes.

Nossas reflexões sobre a pesquisa narrativa e as histórias de vida dos jovens imigrantes têm implicações relevantes para pesquisadores, educadores sociais, mediadores interculturais, educadores e diretores de centros juvenis, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, pessoal de saúde, pessoal de associações, conselheiros de emprego, técnicos de serviço público, gerentes políticos e empregadores. Acreditamos que as contribuições da pesquisa podem ser úteis para alimentar a curiosidade inata das pessoas que trabalham com ou acompanham menores e jovens de origem imigrante.

Neste artigo tentamos colocar em relação algumas idéias que ajudam a avançar no desenho de uma estrutura ou modelo educativo de intervenção com menores imigrantes baseado na interculturalidade crítica, capaz de integrar as variáveis socioculturais e pessoais deste grupo, suas necessidades de formação, assim como sua integração social e trabalhista. Esta abordagem tem implicações importantes na formação de profissionais, voluntários e outros atores sociais envolvidos ou interessados em migrações e interculturalidade, a fim de melhorar os processos de formação e intervenção com grupos de imigrantes.

Referências

ATKINSON, R. **L'intervista narrativa**. Milano: Raffaello Cortina. 2002.

ALHEIT, P.; DAUSIEN, B. **En el curso de la vida. Educación, formación, biograficidad y género**. Xàtiva, Valencia: Instituto Paulo Freire de España/ CREC. 2007.

ABDALLAH-PRETCEILLE, M. **L'éducation interculturelle**. Paris: PUF. 1999.

DEMETRIO, D. (2004). **Intercultura e autobiografia**. Favaro G., Luatti L.(a cura di, 2004), 211-221. 2004.

BICHI, R. **L'intervista biografica**. Una proposta metodologica. 2002.

BENMAYOR, R., SKOTNES, A. (Eds.) (1994). **Migration and Identity**. International Yearbook of Oral History and Life Histories, volume III. Oxford: Oxford University Press.

BERTAUX, D. **Biography and Society**. London: Sage. 1981.

BERTAUX, D. **Les récits de vie**. Paris: Nathan. 1997.

BESALÚ, X. **Diversidad cultural y educación**. Madrid: Síntesis. 2002.

BIAGIOLI, R. **I significati pedagogici della scrittura e del racconto di sè.** Napoli: Liguori. 2015.

BRUNER, J. The narrative construction of reality. **Critical inquiry**, Chicago, n. 18(1), p. 1-21. 1991.

CORTÉS, L.; CAMACHO, M^a. M. **¿Qué es el análisis del discurso?** Barcelona: Octaedro. 2003.

DE LA PORTILLA, A.; SERRA, A.; GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. **De lo visible a lo invisible. Análisis de los procesos de inserción laboral y las prácticas educativas con menores y jóvenes de origen inmigrante.** Sevilla: Fundación Sevilla Acoge. 2007.

DELORY-MOMBERGER, C. **La condition biographique: essais sur le récit de soi dans la modernité avancée.** Paris: Téraèdre. 2009.

DEMORGON, J.; LIPIANSKY, E. M. **Guide de l'interculturel en formation.** Paris: Retz. 1999.

FEIRE, P. **Pedagogía del oprimido.** Madrid: Siglo XXI. 1975.

FERRAROTTI, F. **Histoire et histoire de vie. La méthode biographique dans les Sciences Sociales.** Paris: Librairie des Méridiens. 1983.

GIMENO, J. **Educar y convivir en la cultura global.** Madrid: Morata. 2001.

GONZÁLEZ-MONTEAGUDO, J. Approches non-francophones des Histoires de vie en Europe (Note de synthèse), **Pratiques de formation/Analyses.** Ed. Université Paris 8, Paris, 2008. n. 55, p. 9-83.

HUA, Z. Language socialization and interculturality: Address terms in intergenerational talk in Chinese diasporic families. **Language and Intercultural Communication**, London, n. 10(3), p. 189-205, 2010.

JOSSO, M.-CH. (1991). **Cheminer vers soi.** Lausana, Suiza: L'Age d'Homme. 1991.

LAINÉ, A. **Faire de sa vie une histoire.** Paris: Desclée de Brouwer. 1998.

LEVIN, S. et al. Assimilation, multiculturalism, and colorblindness: Mediated and moderated relationships between social dominance orientation and prejudice. **Journal of Experimental Social Psychology**, Washington n. 48(1), p. 207-212, 2012

MANNING, P.; TRIMMER, T. **Migration in world history.** Routledge. 2020.

MOLINIÉ, M. (Coord.) (2003). **Histoires de vie: miroirs singuliers de la culture.** Revue

Histoires de vie (Dossier), n° 3, Presses Universitaires de Rennes. 2003.

OCHOA, C. **Una aproximación biográfica a las migraciones. La experiencia de vida de un mediador intercultural.** Sevilla: Universidad de Sevilla. 2001

OCHOA, C. **Histoires de vie: entre la reconnaissance et la reconstruction. Les chemins de l'identité dans les expériences migratoires et les relations interculturelles**, in J. GONZÁLEZ-MONTEAGUDO (Ed.). Les Histoires de vie en Espagne. Entre formation, identité et mémoire. Paris: L'Harmattan, 139-165. 2011.

PINEAU, G.; MARIE-MICHÈLE. **Produire sa vie: Autoformation et autobiographie.** Montreal: Éditions Saint-Martin. 1983.

THOMPSON, P. **The voice of the past. Oral History.** Oxford: Oxford University Press. 2000.

TSIOLIS, G. **Biographical Constructions and Hybrid Identities: Using Biographical Methods for Studying Transcultural Formation.** Sevilla: Centro de Estudios Andaluces. 2009.

VIEIRA, R. **Educação e diversidade cultural: propostas para uma Antropologia da Educação.** Porto: Edições Papiro. 2009.

WENGRAF, T. **Qualitative research interviewing.** London: Sage. 2001.

Submissão em: 13/02/2022

Aceito em: 31/05/2022

Citações e referências
conforme normas da:

